

Beholder

A black and white photograph of a man in a suit and hat, holding a bouquet of roses. The image is framed by a decorative border of small circles.

Sidney Ferreira

BEHOLDER

Sidney Ferreira

BEHOLDER

1ª Edição
Rio de Janeiro
Edição do Autor
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

FERREIRA, Sidney.

Beholder / Autor: FERREIRA, Sidney.

Rio de Janeiro/RJ: Clube dos Autores. 2013

1. Romance - Brasil I. Título

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, reprográficos, fotográficos, fonográfico, videográfico.

Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafo do Código Penal) com pena de prisão e multa busca e apreensão e indenizações diversas (artigos 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Para Valéria, Deusa, Aleksandre e Wilson.

AGRADECIMENTOS

Marcelo Rua e J.F. Nascimento.

Prefácio

“Foi a melhor das épocas, foi a pior das épocas”.

Charles Dickens, *Um conto de duas Cidades*.

Comecei a escrever *As Crônicas de Ravok* em 2001 (só o lançando uma década depois) numa das épocas mais difíceis da minha vida. A desesperança e a angústia, por incrível que pareça, podem ser inspiradoras. A ostra cria a pérola para tirar de seu corpo algo que está lhe fazendo mal. Eu escrevo. Muitos dos grandes escritores foram pessoas que passaram por grandes tristezas, decepções e perdas. Isso não é lamentável, de certo ponto de vista: quem está habituado à fartura, via de regra, não procurará os famintos a menos que tenha um bom motivo. Não valorizará o que tem, se for uma pessoa muito preocupada com coisas fúteis.

Assim, não é de ser estranhar que pessoas que foram privadas de coisas que muito gostaram, precisaram e quiseram voltar-se para o interior de si próprias, aprofundando os sentimentos e as suas percepções acerca da realidade.

Maravilhoso é quando superamos um desafio e somos gratos por termos crescido (e aprendido) com a experiência dolorosa.

ÍNDICE

Beholder | 11

Minha filha (Conto) | 37

O Sofrimento Vale a Pena (Poemas) | 41

Carlos Lacerda (Trabalho de Conclusão de Curso) | 51

O AUTOR E SUA OBRA | 83

Beholder

Nota: Beholder (Observador) é um monstro mitológico com vários olhos e muitos tentáculos, capazes de lançar feitiços. Flutua no ar, desprovido de asas e patas. Muito popular em jogos de RPG de fantasia medieval.

Capítulo 1

O olho do Observador

Uma garota ensanguentada se arrasta por uma floresta. Seus gritos de desespero não são ouvidos e ela sente a proximidade da morte.

Tem vários ferimentos pelo corpo: são MORDIDAS.

Após longo tempo, ela é alcançada pelas criaturas que a machucaram: três belas jovens albinas (cabelos e pele brancos) com olhos de um vermelho vivo.

Elas se divertem com o sofrimento da jovem. Zombam de sua agonia.

— Quer implorar pela sua vida, putinha?

— Por favor, eu tenho uma mãe doente!

As três gargalham.

— Que pena, ela vai ter que se virar sozinha.

— Não quer que a matemos também, para ela não sofrer com a sua falta?

— Por favor!!!!

A garota desmaia com a perda de sangue. Os monstros salivam de fome.

Uma voz de homem é ouvida por todas:

— O que são vocês?

Em pânico, elas se encolhem. Uma se recupera do susto mais rápido:

— Quem é você, caralho? Como conseguiu chegar sem que víssemos?

— Sou um explorador.

— Então vai explorar um caixão, filho da puta! Somos vampiras com séculos de idade...

— Eu não sou um Grimm, estou cagando pra vocês!

As três o atacam ferozmente.

Gritos horrendos são ouvidos.

Após longos segundos, o homem se afasta dos corpos das vampiras. Elas tiveram as cabeças decepadas e os corpos despedaçados.

— Imortais o cacete. — Ele murmura para si.

Uma sombra enorme está na frente dele.

— Valeu — agradece o homem para a coisa (seja lá o que for) e ela vai embora.

Albert Marshal pensa em um médico para a jovem e uma equipe de paramédicos aparece do nada com ambulância e equipamentos para tentar salvar-lhe a vida.

“Que garota de sorte”, pensou. “Eu estava passando e ouvi os gritos. Espero que ela viva”.

Ele desaparece em pleno ar, bastando para isso pensar em ir para outro lugar.

Capítulo 2

Solidariedade

Nordeste do Brasil; sertão castigado pela seca.

Num cenário de morte e sofrimento, uma multidão fica subitamente feliz ao ver novamente uma cena incrível: tal como aconteceu na semana passada, uma gigantesca caixa cheia de garrafas de água e de comida aparece no céu, desce suavemente e se abre para que eles possam esvaziá-la.

No alto, várias pessoas disseram ter visto um homem voando e observando as pessoas pegarem a água e comida.

Em várias partes do mundo, relatos semelhantes começam a aparecer. Um homem e uma caixa gigantesca voando separados e aparecendo em lugares de extrema pobreza para trazer ajuda aos necessitados.

Começam as teorias na mídia: alguns dizem que é um golpe publicitário, outros que é um anjo, outros que é alucinação coletiva, outros que é uma mentira contada para chamar a atenção para comunidades carentes, etc.

Albert Marshal é o homem voador: dá-lhe paz de espírito dar de comer aos necessitados. Lágrimas rolam de seus olhos ao ver crianças famintas prolongando suas vidas por mais um dia com a ajuda que ele fornece.

Nascido de família humilde de profissionais autônomos, Albert cresceu num subúrbio estadunidense. Descobriu aos quinze anos que tinha glaucoma e que teria que controlá-lo o

resto da vida com o uso de colírios para controle da pressão intraocular para que não perca a visão.

Numa noite, começou o que pensou serem delírios: enxergou lugares estranhos e viu pessoas estranhas enquanto acordado. Tentou a religião e tratamento psiquiátrico para tentar se curar. Foi considerado médium pelos espíritas e encontrou conforto no trabalho voluntário. Como as visões não passavam, começou a tentar interagir com os locais e pessoas. Ideias diferentes vinham a sua mente: nunca gostou de Química, mas começou a escrever complicadas equações e a entender conceitos complexos.

Estudou as teorias de Rupert Sheldrake e acredita que as ideias vêm de um campo energético que envolve nosso planeta, onde estão todas as ideias. Pessoas são capazes de se conectar com essa dimensão: inventores, poetas, publicitários, compositores, etc. Descobriu a cura da AIDS aos 18 anos e vendeu para a indústria farmacêutica por uma fortuna. Daí tornou-se um empresário de sucesso. Enriqueceu recebendo uma indenização milionária dos laboratórios farmacêuticos para DESTRUIR a cura que tinha inventado. Claro que para a família e o público ele contou que tinha sido pago pelos direitos da pesquisa (o que não deixa de ser verdade). Os laboratórios lucraram muito com as doenças e não querem que as pessoas se curem. Muitos médicos ganham a vida sendo nada mais que traficantes de remédios.

Verbetes:

Rupert Sheldrake: Biólogo, bioquímico, parapsicólogo, escritor e palestrante inglês; mais conhecido por sua teoria da morfogênese. Pesquisador em bioquímica e fisiologia vegetal, descobriu junto com Philip Rubery, o

mecanismo de transporte da auxina. Participou, na Índia, do desenvolvimento de técnicas de cultivo no semiárido, hoje usadas amplamente.

De volta à Grã-Bretanha, tem-se dedicado a escrever, dar palestras e pesquisar um modelo de desenvolvimento teleológico, do qual faz parte a teoria dos campos morfogenéticos. Entre seus livros estão “O renascimento da natureza”, “Cães sabem quando seus donos estão chegando” e “A sensação de estar sendo observado”.

Ligou-se, como pesquisador, ao *Institute of Noetic Sciences*, dos Estados Unidos (Califórnia).

O campo morfogenético é uma memória coletiva que se divide para cada grupo de seres vivos; as plantas tem o seu, as aves tem o seu, os mamíferos, etc. São como a planta de um edifício: a base da vida e das mutações dos seres mediante ressonância entre o campo e os mesmos.

Fim do verbete.

Albert Marshal acredita que a frustração por ser pobre e ter glaucoma foi o catalisador de sua mediunidade e capacidade de viajar para outros planetas e dimensões. No início, era como o super-herói Doutor Estranho: visitava os lugares como uma alma (tal como todos nós fazemos quando sonhamos). Aprendeu a ir aos lugares bastando pensar em ir. A primeira vez que viajou com a força do pensamento foi à Lua e quase morreu de frio e por falta de ar. Precisou treinar para criar uma bolha em torno do corpo para poder sobreviver e não trazer doenças alienígenas para nosso mundo.

O próximo passo foi aprender a trazer coisas e pessoas de outros lugares e dimensões. Atentem: isso tem um preço e ele vai pagar. O universo é um equilíbrio: vida e morte, renovação e destruição, tudo é um ciclo. O nosso universo é como uma bola de futebol americano (oval). Ele se expande e se comprime como num pulmão que respira. O tempo é um círculo, não uma reta. O Beholder, quando tira algo de lugar, mesmo que devolva depois, cria um desequilíbrio.

Hoje Albert tem 41 anos e quer prolongar sua vida retardando o envelhecimento.

Um mistério em sua vida foi o assassinato de seu pai, ocorrido quando ele tinha um ano de idade. Seu padrasto o amou muito, mas sua mãe nunca o deixou esquecer que houve essa tragédia na família.

Capítulo 3

Escola bíblica

FALTAM QUINZE MESES PARA A ASCENSÃO DO ANTICRISTO.

Agora é oficial: todos devem receber um chip subcutâneo, onde estão registrados os números de seus documentos, o seu padrão de DNA para identificação rápida, para possibilitar o rastreamento da pessoa, etc. Surgem protestos no mundo todo contra o que consideram uma violação de privacidade e dos direitos civis internacionais. A alegação de que o rastreamento é para prender criminosos e salvar pessoas em caso de sequestros e catástrofes naturais é ignorado por essas pessoas. Muitos religiosos dizem que o chip subcutâneo é A MARCA DA BESTA, um dos sinais do Fim do Mundo previsto no Livro de Apocalipse (Revelações). Como está escrito na Bíblia:

Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome — Apocalipse 13:17.

E seguiu-os o terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na sua mão, Também

este beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro — Apocalipse 14:9-10.

E foi o primeiro, e derramou a sua taça sobre a terra, e fez-se uma chaga má e maligna nos homens que tinham o sinal da besta e que adoravam a sua imagem — Apocalipse 16:2.

E a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que diante dela fizera os sinais, com que enganou os que receberam o sinal da besta, e adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre — Apocalipse 19:20.

E vi tronos; e se assentaram sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar; e vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta, nem a sua imagem, e não receberam o sinal em suas testas nem em suas mãos; e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos — Apocalipse 20:4.

E vi um como mar de vidro misturado com fogo; e também os que saíram vitoriosos da besta, e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome, que estavam junto ao mar de vidro, e tinham as harpas de Deus — Apocalipse 15:2.

E adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante

à besta? Quem poderá batalhar contra ela? — Apocalipse 13:4.

E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso nem de dia nem de noite os que adoram a besta e a sua imagem, e aquele que receber o sinal do seu nome — Apocalipse 14:11.

E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada — Apocalipse 13:12.

E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia — Apocalipse 13:14.

E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta — Apocalipse 13:15.

E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como o dragão — Apocalipse 13:11.

E a besta que era e já não é, é ela também o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição — Apocalipse 17:11.

E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs — Apocalipse 16:13.

E disse-lhe o Senhor: Passa pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém, e marca com um sinal as testas dos homens que suspiram e que gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela — Ezequiel 9:4.

E o anjo me disse: Por que te admiras? Eu te direi o mistério da mulher, e da besta que a traz, a qual tem sete cabeças e dez chifres — Apocalipse 17:7.

E o quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino se fez tenebroso; e eles mordiam as suas línguas de dor — Apocalipse 16:10.

E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército — Apocalipse 19:19.

Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis — Apocalipse 13:18.

E vi uma das suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta — Apocalipse 13:3.

E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas — Apocalipse 13:16.

A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição; e os que habitam na terra (cujos nomes não estão escritos no livro da vida, desde a fundação do mundo) se admirarão, vendo a besta que era e já não é, ainda que é — Apocalipse 17:8.

E, quando acabarem o seu testemunho, a besta que sobe do abismo lhes fará guerra, e os vencerá, e os matará — Apocalipse 11:7.

E circuncidareis a carne do vosso prepúcio; e isto será por sinal da aliança entre mim e vós — Gênesis 17:11.

E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde estão a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre — Apocalipse 20:10.

Estes têm um mesmo intento, e entregarão o seu poder e autoridade a besta — Apocalipse 17:13.

E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo — Apocalipse 13:8.

Pelos mortos não dareis golpes na vossa carne; nem fareis marca alguma sobre vós. Eu sou o Senhor — Levítico 19:28.

E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio — Apocalipse 13:2.

E os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam o reino, mas receberão poder como reis por uma hora, juntamente com a besta — Apocalipse 17:12.

Porque Deus tem posto em seus corações, que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma ideia, e que deem a besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus — Apocalipse 17:17.

Sendo nós, pois, geração de Deus, não havemos de cuidar que a divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra esculpida por artifício e imaginação dos homens — Atos 17:29.

E eu pus-me sobre a areia do mar, e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças um nome de blasfêmia — Apocalipse 13:1.

E levou-me em espírito a um deserto, e vi uma mulher assentada sobre uma besta de cor de escarlate,

que estava cheia de nomes de blasfêmia, e tinha sete cabeças e dez chifres — Apocalipse 17:3.

Visto que do Todo-Poderoso não se encobriram os tempos, por que, os que o conhecem, não veem os seus dias? — Jó 24:1.

Fim das citações bíblicas.

Aquele que não receber o chip no prazo de seis meses perderá o direito de possuir conta bancária, prestar concurso público, empregar-se na iniciativa privada, aposentar-se, receber auxílio da Previdência Social, etc.

O mundo do século XXI é uma Babel que não pode ser dispersa: Deus criou uma infinidade de línguas para dividir a Humanidade desobediente em povos, mas hoje, com um simples smartphone, pode-se acessar qualquer conhecimento. A internet tem tradução instantânea.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial (1945) o comunismo foi a esperança de prosperidade para muitas nações. Com o fim da União Soviética (1991) a esperança de saída do subdesenvolvimento veio do fundamentalismo religioso. Isso favorece ao Anticristo (ou Anticristos). A maior ameaça à hegemonia estadunidense são os países árabes de regime político teocrático (o Estado se une à religião) muçulmano.

Flashback: há quarenta anos, seis pessoas que não se conheciam foram mortas em circunstâncias misteriosas: a arma do crime se assemelhava a uma lâmina incandescente. Os culpados nunca foram apanhados.

Capítulo 4

Quem observa o Observador (Who beholds the beholder)?

O poder começou subir à cabeça de Albert. Ele é rico, bonito, poderoso a níveis quase divinos. Levar comida aos famintos deixou de ser o bastante. Ele quer fazer mais.

O Inferno está cheio de boas intenções, não é?

Aaron Smith, a reencarnação do ditador Ninrode, convocou os grupos que ele criou na antiguidade (os Seguidores do deus serpente egípcio Set e os maçons) para assumir a Nova Ordem Mundial. Uma guerra silenciosa pelo controle do planeta começou.

A Nova Ordem Mundial é um grupo de pessoas que domina o mundo influenciando as pessoas através do controle da mídia, através de compra de políticos, assassinatos, magia negra, etc. São chamados pejorativamente de Cínicos e Lúcifer é seu atual líder.

FALTAM QUATORZE MESES PARA A ASCENSÃO DO ANTICRISTO.

Albert resolve descobrir quem era a garota perseguida pelas vampiras. Seu nome é Mary Saint e ela mora em Boston.

Ela está no colégio de Ensino Médio. Albert a aborda e vai conversar com ela.

Mary: — Quem é você?

— Meu nome é Albert Marshal e sou empresário. Fui eu que chamei a ambulância quando você foi atacada no mês passado.

— Muito obrigada, você salvou a minha vida. Tudo está confuso. Lembro-me de mulheres estranhas tentando me matar. Parece mais um pesadelo do que algo real.

— Como tudo aconteceu?

Mary conta como foi cercada enquanto ia para a casa do namorado.

Subitamente, os dois são pegos num redemoinho e separados. Seus pés saem do chão e o prédio da escola dá lugar aos céus. Os gritos de terror de Mary vão ficando mais distantes a cada segundo.

O Beholder demora a se orientar. Com um pensamento, revela o que os está atacando e consegue flutuar há dezenas de metros de altura. Mary paira há metros dele, quase desmaiando.

Um homem grande, numa toga de monge com capuz, com imensas asas brancas de pássaro nas costas, usando uma armadura dourada e portando uma espada flamejante.

— O que é você?

— Akriel, dos querubins.

— Um anjo????? Por que está nos sequestrando?

— DEUS NÃO QUER QUE EU MATE VOCÊ. Eu só posso tocar na garota.

— O que uma garota inocente fez para você? Ou para Deus?

- Ela é inocente mas tal como o seu pai e a mãe dela, teve a infelicidade de ameaçar o equilíbrio.

— O que o meu pai tem a ver com isso?

— Você acha que seus poderes vem de seu glaucoma, mas está errado. Há mais de cinquenta anos, Deus veio a Terra e fez um

corpo mortal para si. Esse corpo foi morto e seus órgãos doados para seis pessoas: os rins para uma mulher no Maine, os pulmões para a mãe de Mary, as córneas para o seu pai, o fígado para um homem do Texas, o coração e a pele para outras duas pessoas. Tive de matar a todos a mando de Deus, pois o mundo não estava preparado para semideuses.

Albert fica furioso.

— Você matou meu pai?

— Não sou como você; fui criado para obedecer. Você não tem glaucoma: são os genes de Deus no seu corpo que lhe dão poder. Os descendentes dos transplantados dos órgãos de Deus também são uma ameaça ao equilíbrio do Universo: veja o que você pode fazer!

— Você não vai matar Mary como fez com meu pai!!!!

Um golpe telecinético lança o anjo para trás com a velocidade de uma bala de fuzil.

Mary despenca do céu, pois o anjo a segurava com seu poder.

Albert tenta parar a queda dela e a teleporta para o chão.

O anjo passa por ele mais rápido do que quando partiu, segurando-o pela cintura.

— Proibição de matar não me impede de te dar uma surra!

O anjo o carrega para longe e lhe desfere socos. Albert tenta revidar, mas o anjo é mais rápido e mais forte. Beholder então deseja que o anjo volte pro Céu.

— Seus poderes não funcionam totalmente contra mim, mortal arrogante! Você não ligava para seu pai, só tinha um ano de idade quando ele faltou.

— O fato de não me vestir de morcego e passar o resto da vida vingando a morte dele não significa que eu perdoo o que você fez! A minha mãe sofreu por sua causa!

— Você se compara com o Doutor Manhattan de Watchmen, mas é só um mortzinho estúpido como todos os outros.

— Alimentar os famintos é ser estúpido, anjo de merda?

— Você está mudando, não vai fazer caridade muito tempo. Nenhum de vocês pode ter muito poder.

Uma voz de mulher diz:

— EU POSSO!

Akriel fica aterrorizado.

— Espere, Metatron, eu não sabia...

— SUMA DAQUI! — A mulher grita e Akriel vai embora.

Beholder vai ao chão, pois o brilho e o poder que emanam da mulher são muito fortes. Um belo anjo com formas femininas e uma armadura de ouro.

— Você é a Mary Saint.

— Eu fui. Agora sou Metatron, a voz de Deus. Os pulmões de Deus que minha mãe transplantou são minha herança, como as córneas que seu pai recebeu. O primeiro Metatron foi Enoque, que foi arrebatado aos céus sem morrer.

— E agora?

— Agradeço o que fez por mim, Albert Marshal, mas aviso que seu interesse por mim não foi por acaso. Deus quis que você me procurasse e mandou Akriel me matar para que eu renascesse como rainha dos arcanjos.

— Deus é mau e manipulador. Matou nossos pais e tentou matar você.

— Ele, tal como o seu Dr. Manhattan, não pensa como nós. Ele poupa você porque tem planos que o envolvem. Não se deixe levar pela raiva, Beholder.

— Eu não sou como você, não posso perdoar tudo isso.

— Então siga esse caminho e que nossos destinos não nos tornem inimigos. Eu sirvo a Ele, agora. Os outros vão te culpar pelo meu desaparecimento. Você foi o último a ser visto com a Mary.

— Com você.

— Com a Mary. Ela era como um lagarta que se transformou em borboleta (eu).

— Adeus, Mary.

— Lembre-se do que Akriel disse: nenhum de vocês deveria ter muito poder. Matar nossos pais adiou o Fim dos Tempos.

O Beholder está magoado demais para ouvir.

Capítulo 5

Admirável mundo novo

Um a um, os Cínicos são mortos pelos servos de Ninrode: acidentes forjados vão matando a cúpula do poder mundial. Seu líder, Lúcifer, está estranhamente quieto. Será que isso tudo o prejudica ou não?

FALTAM NOVE MESES PARA A ASCENSÃO DO ANTI-CRISTO.

No mundo inteiro, as pessoas recebem os chips subcutâneos.

O Beholder está intranquilo: como o mundo pode ficar a mercê de um Deus tão cruel? Ele, Albert, tem poder para melhorar o mundo. Não seria correto?

Enquanto isso, ele acumula inimigos:

— A górgona Lorac, cuja mera visão de seu rosto transformava qualquer ser vivo em pedra. Lorac mantém seu rosto coberto por uma máscara e peruca e só mata para alcançar riqueza e poder. Foi uma das divindades menores que veio para a Terra após o crepúsculo dos deuses que adveio com o Cristianismo. Lorac assume a liderança dos vampiros que atacaram Mary Saint, adorada como deusa.

— A sacerdotisa de Eva chamada Roseane, sem emoções, obcecada por seduzir o homem mais poderoso do mundo;

— O Russo, um espírito que se mantém neste mundo devido à inveja que sente de qualquer pessoa virtuosa, usando seus dons para disseminar a discórdia e destruir os sonhos das boas pessoas;

— O idoso “Múmia” Gelson Winter, homem rico e corrupto que está com os rins arruinados. Ele desconta em povos inteiros o sofrimento imposto a ele por sua doença.

Amigos do Beholder:

— O vampiro Jack, que não dá a mínima para os jogos de poder dos seus pares. É um desbocado e inconsequente motociclista.

— Metatron, que já foi a garota chamada Mary Saint, rainha dos arcanjos e Voz de Deus. Anota os atos de todos os humanos no Livro Da Vida. No Final Dos Tempos, aqueles que cometeram atos vis serão apagados do livro.

— Fred: playboy, jornalista *freelancer*, conquistador de mulheres e metido a líder. Namorado de Daphne.

— Daphne: riquinha entediada que usa a adrenalina como sua cocaína, já que se drogar de verdade vai envelhecê-la mais rápido.

— Velma: nerd e virgem. Quer ser algo além de inteligente.

— Salsicha: hippie quarentão, fala com animas (ou assim acha) e mantém dieta a base de maconha e *junk food*. Salsicha reúne o grupo formado por Fred, Daphne, Velma para procurar o assassino de seu irmão, ex-namorado de Velma, que morreu na noite em que ia tirar a virgindade dela. Salsicha tem uma tatuagem de seu cão do lado esquerdo de seu tronco.

— Scooby-Doo: cão de Salsicha. Na realidade é um demônio milenar com lapso de memória que habita o corpo de um cão dinamarquês.

O irmão de Salsicha foi morto pelo querubim Akriel, pois o pai deles recebeu a pele de Deus num transplante. Scooby protege Salsicha de ser morto também, pois é mais forte que Akriel. Salsicha até hoje não manifestou poder algum (além de “falar com os animais”).

Capítulo 6

Surge o Anticristo

Uma dessas pessoas pode ser o Anticristo:

- O Múmia;
- Ninrode (Aaron Smith);
- O presidente dos Estados Unidos (que teve a ideia do chip subcutâneo);
- A górgona Lorac;
- Um desses tele-evangelistas fanáticos que tem igrejas gigantescas;
- O aiatolá do Irã;
- Um dos cardeais do Vaticano (quem sabe o Papa?);
- Satan Xerxes Carnacki LaVey (líder da Igreja de Satã, membro dos Cínicos).

Em nove meses, uma guerra tomou o mundo. Os cínicos foram mortos um a um. Crackers infestaram de vírus de computador empresas inteiras, levando-as à falência. Os feiticeiros usados pelos Cínicos para manter o poder em muitos países tiveram que escolher mudar de lado ou perecer.

Na Casa Branca, o presidente dos EUA está apreensivo; o conquistador da América está prestes a entrar pela porta. Todo o poderio bélico estadunidense não pôde vencê-lo.

Quando uma sombra surge, o presidente engole uma cápsula de cianureto e morre.

O novo dono dos EUA observa seu cadáver com controle emocional digno de um militar. Porém, no segundo seguinte, ele se vira e grita de triunfo.

Ele se desmaterializa. O próximo passo vai encerrar a guerra.

Torre Lobdel, Manhattan, uma das sedes dos Cínicos. Babel moderna será o palco dos últimos confrontos.

Ninrode sente o *déjà vu*. Faz muitos séculos que desafiou a Deus com a torre de Babel e sente que dessa vez está fazendo a vontade dele destruindo os servos de Lúcifer.

Satan Xerxes o aguarda e está sereno. Por toda a torre, exércitos se enfrentam. A imprensa foi silenciada sobre os verdadeiros fatos, sendo ordenado que divulgue que foi um incêndio acidental que está destruindo o prédio.

Ninrode: “Seu deus te abandonou, LaVey”.

— O que Lúcifer me revelou é que vamos todos morrer hoje, traidor. Você mudou de lado e vai continuar sem nada. Lúcifer me ordenou que deixasse você em paz. Ele tinha razão, você cavou sua própria sepultura.

— Lembra quando eu disse que nossas almas estavam ligadas? Eu era como você, hoje sou melhor. Se morrer é a vontade de Deus, que seja.

Lutam ferozmente por muito tempo.

Por fim, Ninrode quebra o pescoço de Satan LaVey (que era o fundador da Igreja de Satã, Anton Zsador, disfarçado para esconder a longevidade).

Ninrode mal tem tempo de saborear o seu triunfo, pois é morto com um tiro no coração por seu sucessor Jonh Sohn Leid.

Em outro andar do prédio, aquele que provocou o suicídio do presidente dos EUA se materializa e tira algo da

mochila que traz: a cabeça da górgona Lorac. Ele mata todos os maçons e Setitas que encontra pelo caminho.

Quando a figura chega onde está Jonh Leid, o homem que agora tomou o poder nos EUA se revela: o Beholder.

— E agora? Vamos nos matar também?

Leid: — Pergunta pro Velho.

Deus aparece entre os dois. Um senhor risonho, de bigode grisalho e calvo.

Beholder: — O que foi tudo isso?

Deus: — O modo do Homem. Vocês precisavam se matar para decidir quem governa. Estou intervindo e pondo ordem nas coisas.

— Como você morreu décadas atrás e seus órgãos foram parar em pessoas inocentes.

— Isso importa agora, Albert? O que importa é que permiti que ficasse na Terra para este momento. Uma nova Metatron nasceu e agora o mundo vai entrar nos eixos.

— Como? Eu acabei sendo o Anticristo. Vou para o lago de fogo com o Demônio?

— O texto de Apocalipse são alegorias que não precisam acontecer literalmente. Você escolhe se adequar a minha Nova Ordem Mundial ou morrer finalmente e habitar comigo no Paraíso.

— Depois de tudo o que você fez minha mãe sofrer? Depois de tudo o que eu fiz para desafiá-lo?

— Depois de tudo o que Eu permiti que você e Ninrode fizessem, depois do conserto que Eu fiz num erro de décadas atrás. Você é mortal e não pode entender tudo o que move o Universo.

— Tudo bem, “Velho”, temos um acordo. Posso ficar na Casa Branca pelo menos?

Jonh Leid e Deus riem.

Minha Filha

(conto)

Minha Filha

Um aviso a você antes de continuar a ler isso: estou idoso e morrendo.

Se me perguntarem qual é a coisa (ou lembrança ou lugar) capaz de me fazerem mover montanhas, enfrentar exércitos, enfrentar a mim mesmo (o que é muito mais difícil que enfrentar um exército), eu diria que é pensar em minha filha.

Pensamos na mulher amada quando somos jovens.

Agora que o calor da paixão se atenuou, que as fantasias juvenis sobre a mulher ideal parecem ridículas, que minha amada esposa se ressentida da velhice que avança e me pede o que eu (e nenhum outro ser humano) sou capaz de dar, eu volto minhas fantasias para meu rebento, minha Estrelinha, meu Raio de Sol.

Minha Diana.

A lembrança mais doce que eu guardo da infância dela foi a primeira vez que jogamos bola na praia.

Seu riso ainda soa em meus ouvidos após tantos anos. Me realizei quando ouvi pela primeira vez: “Papai”.

Naquele dia, essa palavra possuía um timbre mais melodioso.

Quando ela cresceu um pouco, tentei fazê-la amar aos livros tanto quanto eu amo.

Ela preferiu os esportes e tentou fazer um *book* para entregar numa agência de modelos. Não escondi meu desapontamento, por isso ele foi embora rápido.

O que eu perdoei foi ela fazer drama quando a proibi de morar com um irresponsável chamado Renato. Ela era menor de idade, então fiquei firme por uma semana. Greve de fome, depressão, todas as chantagens possíveis Diana tentou.

Fiquei firme por um mês. A mãe dela cedeu primeiro e ameaçou pedir o divórcio. Aí, escolhi ceder.

Um mês depois de se mudar, Diana voltou para casa arrependida e sem estar grávida. Parecia que tínhamos ganhado na loteria! Que festa!

Após a faculdade de Direito, ela passou num concurso público e foi empossada num bom cargo. Eu e minha mulher ficamos tranquilos.

Quando eu fiz 56 anos ela queria que eu parasse de dirigir, mas ela voltou atrás porque sabe o quanto eu gosto. Os momentos que passamos mexendo no meu carro ou no dela eu não troco. Ela se suja toda e ri feito aquela menininha na praia. Nunca lhe ensinei mecânica, ela parece que nasceu sabendo.

Como eu amo minha menininha.

Ela me ajudou a salvar meu casamento tempos depois. Para comemorar, fomos viajar. Foi aí que Diana me ensinou a pescar.

Hoje estou numa cama de hospital, sem me lembrar de quem sou a maior parte do dia. Estou com 76 anos e Diana com 44. A mãe dela chora tanto que acho que vai nos afogar.

Engraçado, nunca me esqueço da Diana, que sempre faz piadas para me animar. Maldito Mal de Alzheimer.

Quando estou prestes a fechar os olhos pela última vez, não vejo uma lágrima sequer no rosto dela.

Eu sei que está guardando para depois que eu partir. Ela quer me alegrar até o último segundo.

Que vida boa eu tive.

Que morte doce: assistido por quem me ama.

O Sofrimento Vale a Pena

(Poemas)

Dedicado ao meu irmão Edvaldo de Castro e Silva (1958-1994)

Panorama do Mundo Contemporâneo

Olhe pro mundo,
Veja o que mais existe nele.
Gente imoral,
Gente que mata,
Gente que morre.
Filhos desobedientes,
Juventude depravada.
Desunião de lares,
Guerras, crimes,
Prostituição,
Ódio por toda parte.
É possível a paz mundial?
Se todos dizem que creem em Deus,
Em Deus acreditassem mesmo o mundo
Seria como é?
Não, não seria assim.
Talvez não fosse melhor do que é,
Porém pior do que é não seria,
E isso é o nosso osso duro de cada dia.

Carta a Gibran Khalil Gibran

Gibran Khalil Gibran,
Sábio mestre do oriente;
Que na sua sabedoria abrangeu todo
Ocidente.
Ser reformado,
Ser transtornado e justo,
De visão imensa e de plena consciência.

Gibran Kahlil Gibran
Vós com vossa sabedoria,
Vós com sua justiça ligada a
Sua amotinação lembra-me
O rabi dos rabis
O filho da terra
O filho de Deus

Gibran Kahlil Gibran
Vossas palavras saciam minha sede de justiça,
De conhecimento,
De sabedoria;
Vós guiais,
Guia-me como o pastor que guia suas ovelhas a pastos férteis e
tenros.

Gibran Kahlil Gibran
És juntamente com o Cristo
O meu guia,
O meu mestre,
Amigo e conselheiro;
Lendo suas palavras, ouço sua voz,
Sinto seu espírito ao meu lado.

Você tem certeza de que sabe amar?

Tão raro quanto amar e certamente bem mais difícil,
É saber amar.

Todas as penas do amor se instalam em funções
Desse quaternário:

Um deve amar

O outro e vê corresponder

O primeiro deve saber amar

O parceiro também

Só quando essa relação se estabelece há felicidade no amor

Só quando os quatro pontos se integram a alegria de uma
relação é possível.

Há os que:

Amam loucamente, mas não sabem amar.

Amam pouco, mas sabem amar.

Não amam, mas sabem amar.

Amam e sabem amar.

E por aí começa a confusão da seleção amorosa.

Quando duas pessoas se aproximam e percebem que se amam, é
aí que tudo começa.

O raro é ambas saberem amar, quando a maturidade não
interfere na intensidade.

Amar quase sempre atrapalha a sabedoria do amor.

Porque o estado de amar é um estado de necessidade atendida,
de carência compensada, de doação exercida, de entrega
salvadora.

E isso é intenso de mais para coexistir com a sabedoria do amor.
Quanta gente prefere viver com alguém que sabe amar, mesmo
que não a ame.
Quanto amor brota numa relação onde ambos sabem amar!
Quem ama é mais inocente do que quem sabe amar.

Jovem moderno

Jovem inseguro,
Jovem fraco,
Que com toda rebeldia,
Com toda sua valentia,
Facilmente cai,
Cai na terra,
Como uma folha de árvore,
Com toda a sua valentia e rebeldia.
Jovem machucado,
Traumatizado, revoltado,
Jovem corrompido.
Jovem que é usado,
Jovem viciado.
Para falar, para viver,
Jovem oprimido e rechaçado,
Sofrido.
Adulto que quer que o jovem obedeça
O jovem acha que deve fazer
Ó meu Deus
O que esse jovem deve fazer pra essa
Vida feliz tentar viver.
A vida é um momento no espaço,
No qual temos plena consciência.
Vivemos no tempo e este
Vive em todos nós.

Sonhamos, sorrimos, lacrimejamos.
O sonho é o desejo de nosso Eu Maior
De elevar-se e de transformar em realidade
Tudo aquilo que em sonho
Tanto deleite nos proporcionou.
Cada sorriso é a satisfação demonstrada,
Declarada por termos traduzido para a
Realidade tudo o que em sonho foi sonhado.
Cada lágrima representa o sonho frustrado,
O sonho que não foi realizado.
Se pudéssemos esquecer o tempo
E não sonhar em construir o futuro
Despreocupados viveríamos o presente.
Sonhos, utopia, fantasias
Vida que em sonho tu sonhaste
Que fosse de extrema alegria se
Transformara em triste agonia?
O prazer que possuis é passageiro
Prepara-te para a tempestade que estás por vir;
Saboreie os momentos de paz
Que tu sejas, ó jovem, abençoado
Pela onipotente divindade
Pela magnânima força cósmica que a tudo rege
Que chamamos de Deus.

CARLOS LACERDA

(Trabalho de conclusão de
curso)

Introdução

Carlos Frederico Werneck de Lacerda (Rio de Janeiro, 30 de abril de 1914 — Rio de Janeiro, 21 de maio de 1977) foi um jornalista e político brasileiro. De origem abastada, foi membro da União Democrática Nacional (UDN), vereador (1945), deputado federal (1947–55) e governador do estado da Guanabara (1960–65). Fundador e proprietário do jornal Tribuna da Imprensa (1949) e criador da editora Nova Fronteira (1965). Foi um político hábil em discursar em palanques, um tribuno, que encarava a política como uma guerra. Chamado de demolidor de presidentes por suas críticas agressivas era um líder carismático que sonhava em ser presidente da República. Anos após sua morte, sua imagem de hábil administrador foi usada por outros políticos como plataforma eleitoral.

Marcado como *persona non grata* por muitos por ser opositor de Getúlio Vargas e participar dos eventos que o levaram ao suicídio, Lacerda foi um governador que fez obras monumentais no antigo estado da Guanabara, como a adutora do rio Guandu (que abastece atualmente o Rio de Janeiro com água potável), a construção da Cidade de Deus e da Vila Kennedy (a partir da remoção de comunidades carentes) e que investiu em Educação, acabando com o déficit de vagas no ensino fundamental nos anos 1960. Este trabalho se dispõe a mostrar que Lacerda é difícil de ser definido. Era autoritário, mas se voltava contra antigos aliados sempre que suas convicções (e interesses) mandavam. Foi simpatizante do comunismo e depois, anticomunista.

munista. Apoiou o golpe civil-militar de 1964, depois se tornou opositor do regime.

Tentaremos nos aprofundar nas motivações dessa pessoa tão polêmica.

Biografia de Carlos Lacerda

Para este capítulo, foram usadas as seguintes fontes (todas relacionadas na bibliografia):

— As informações contidas nos verbetes “Carlos Lacerda”, “UDN” e “Tribuna da Imprensa”, do Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro: Pós-1930;

— A biografia feita por John W. Dulles, “Carlos Lacerda: A vida de um lutador”;

— Os trabalhos de Marina G. de Mendonça.

Carlos Frederico Werneck de Lacerda foi filho do político, tribuno e escritor Maurício de Lacerda (1888–1959) e de Olga Caminhoá Werneck (1892–1979), era neto paterno do ministro do Supremo Tribunal Federal Sebastião Lacerda. Pela família materna, era bisneto do botânico Joaquim Monteiro Caminhoá e descendente direto do barão do Ribeirão e de Inácio de Sousa Werneck, cuja família tinha importante influência política e econômica na região de Vassouras. Seus pais eram primos, descendentes em linhas afastadas de Francisco Rodrigues Alves, o primeiro sesmeiro da cidade de Vassouras. Por outro lado, embora tivesse sobrenome parecido como o do barão de Pati do Alferes, o seu sobrenome Lacerda origina-se de seu bisavô, um pobre confeitoiro português que se estabeleceu em Vassouras (Mendonça, 2002) e se casou com uma descendente de Francisco Rodrigues Alves (estes foram os pais de seu avô paterno, Sebastião Lacerda). Nasceu no Rio de Janeiro, mas foi registrado como tendo nascido em Vassouras, cidade onde seu

avô residia e seu pai tinha grandes interesses políticos (Mendonça, 2002). Recebeu o nome de Carlos Frederico como homenagem aos pensadores políticos Karl Marx e Friedrich Engels.

O seu bisavô português chamava-se João Augusto Pereira de Lacerda e pertencia a uma das principais famílias da nobreza açoriana, os Lacerdas do Faial, descendentes das nobres famílias dos Pereiras, senhores da Feira e dos Lacerdas, descendentes dos reis de Castela e Leão e dos reis de França (Mendonça, 2008).

Ingressou em 1929 no curso de Ciências Jurídicas e Sociais da então Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, atual Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Durante seu período acadêmico, destacou-se como orador e participou ativamente do movimento estudantil de esquerda no Centro Acadêmico Cândido de Oliveira, através dos colegas adeptos do marxismo. Na UFRJ conheceu seu futuro adversário político, Antônio de Pádua Chagas Freitas. Devido ao grande envolvimento em atividades políticas, abandonou o curso em 1932. Tornou-se militante comunista, seguindo os passos de seu pai, Maurício de Lacerda, e do seu tio Paulo Lacerda, antigos militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Sua primeira ação contra o governo de Getúlio Vargas se deu em janeiro de 1931, quando planejou, junto com outros comunistas, incentivar marchas de desempregados no Rio de Janeiro e em Santos durante as quais ocorreriam ataques a lojas comerciais. A conspiração comunista foi descoberta e desbaratada pela polícia liderada por João Batista Luzardo, o que virou notícia no jornal americano *The New York Times*.

Voltando a Lacerda, vejamos o que nos afirmou Dulles:

“Carlos se tornou comunista devido a forte influência de seu pai Maurício. O Brasil também acolheu as ideologias extremistas que surgiram depois da Primeira Guerra Mundial, o comunismo e o fascismo. Em 1922, foi fundado o Partido Comunista do Brasil (PCB), vinculado à 3ª Internacional Comunista, com sede em Moscou e liderado por Luís Carlos Prestes. Dez anos depois, em 1932, foi a vez da fundação da Ação Integralista Brasileira (ABI), inspirada no Movimento Fascista italiano e no Movimento da Falange espanhola, comandada pelo chefe Plínio Salgado.

Ambos os partidos tentaram depor o regime de Getúlio Vargas por meio de um golpe. O PCB foi o principal articulador da frente que se escudou na Aliança Nacional Libertadora (ANL) e responsável pela fracassada Intentona Comunista de 27 de novembro de 1935 (provavelmente por falta de organização e por conflitos ideológicos quanto ao uso ou não de violência) enquanto a Ação Integralista Brasileira tentou assaltar o Palácio da Guanabara, em 12 de maio de 1938, para derrubar o governo do Estado Novo que os excluía do poder. Tudo isso só serviu para justificar o aumento da repressão e da censura. Quando ocorreu o fracasso da Intentona Comunista de 1935, teve que se esconder na velha chácara da família em Comércio (atual Sebastião Lacerda, Vassouras) e foi protegido pela família influente” (Dulles, 1992).

Em 1938, a pedido do Departamento de Imprensa e Propaganda, Carlos escreveu um artigo ao jornal Observador Econômico e Financeiro sobre o Partido Comunista do Brasil, tentando dissipar as suspeitas do governo de um golpe comunista contra Vargas. O artigo desagradou o PCB, que emitiu uma

nota expulsando Lacerda de seu quadro de filiados, em fevereiro de 1939. (Dulles, 1992: 61-63).

Sobre o movimento comunista, Lacerda afirmou que:

“(...) tal doutrina levaria a uma ditadura, pior do que as outras, porque é muito mais organizada, e, portanto, muito mais difícil de derrubar” (Lacerda, 1939).

A partir de então, como político e escritor, consagrou-se como um dos maiores porta-vozes das ideologias conservadora e direitista no país, e grande adversário de Getúlio Vargas, e dos movimentos políticos Trabalhista e Comunista.

Luís Carlos Prestes, ao sair da prisão em 1945, apoiou Getúlio Vargas, recebendo o desprezo de Carlos, que não considerava o ex-ditador um patriota. O episódio foi tão marcante que Carlos chegou a se declarar ex-filho de Maurício de Lacerda (Dulles, 1992: 83-85). Os comunistas se tornaram o alvo favorito de Lacerda durante seu mandato de governador do Estado da Guanabara, numa época em que o anticomunismo era compartilhado por amplos setores da sociedade.

Lacerda chamava a Revolução de 1930 (que levou Getúlio Vargas ao poder) de golpe financiado por oligarquias inimigas do Brasil. Começava aí uma rivalidade política que marcou Carlos para sempre (no senso comum) como um canalha, aquele que provocou o suicídio do “Pai dos Pobres” (Getúlio Vargas).

A intensa atividade política que marcaria a vida de Carlos Lacerda começou justamente quando estudava Direito. Neste período, aproximou-se dos ideais comunistas e da Ação Libertadora Nacional (ALN). Em 39, rompeu com essa ideologia e passou a escrever artigos anticomunistas. Na década de 40, mais precisamente em 1945, Carlos Lacerda assina a sua

ficha de filiação à UDN (União Democrática Nacional), tornando-se vereador pelo Distrito Federal, dois anos mais tarde.

A UDN, fundada em 7 de abril de 1945, opôs-se a Getúlio Vargas ao getulismo desenvolvido durante a o autoritarismo do Estado Novo. Embora tenha surgido como uma frente organizou-se como partido político nacional, participando de todas as eleições até 1965. Seus principais rivais eram os partidos getulistas PSD (Partido Social Democrático) e o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). Após três derrotas consecutivas em eleições presidenciais (1945, 1950 e 1955) apoia o candidato vitorioso de 1960, Jânio da Silva Quadros e o movimento político-militar de 1964.

Logo que assumiu o mandato, começou a fazer campanha em favor da completa autonomia do Distrito Federal, defendendo a eleição direta para prefeito. O cargo era uma prerrogativa do presidente da República, que nomeava o administrador. Ainda em 47, renuncia ao mandato de vereador, inconformado com a decisão do Senado, que retirou da Câmara Municipal o poder de examinar os vetos do prefeito.

Em 49, Carlos Lacerda dá uma grande guinada em sua vida, ao fundar o jornal Tribuna da Imprensa, diário que foi o principal porta-voz da oposição durante o segundo governo do presidente Getúlio Vargas (1951/54). Já casado, o jornalista liderou uma campanha contra o jornal Última Hora, de Samuel Weiner, acusando-o de ter se beneficiado de um empréstimo fraudulento do Banco do Brasil para colocar o seu maquinário em funcionamento.

A partir daí, os ataques diários ao governo do presidente Getúlio Vargas passaram a ser uma rotina na Tribuna da Imprensa. Finalmente, no dia 5 de agosto de 1954, aconteceu o episódio que marcaria definitivamente Carlos Lacerda na

História do Brasil e levaria o presidente Vargas à morte, provocando uma crise sem precedentes na vida republicana do país.

Ao voltar de um comício realizado no Colégio São José, no Rio, o jornalista foi atingido por um tiro quando chegava à sua casa, localizada à Rua Toneleros. O atentado, que deixou Lacerda ferido no pé, provocou a morte do major-aviador Rubens Florentino Vaz, que dava proteção ao jornalista. No mesmo dia, ainda no Hospital Miguel Couto, para onde foi levado após ser baleado, Carlos Lacerda responsabilizou “elementos da alta esfera governamental” pelo crime.

Uma semana depois, Lacerda publicou um editorial na Tribuna da Imprensa, pedindo a imediata renúncia do presidente Vargas.

Isolado politicamente e percebendo que integrantes de sua guarda pessoal estavam envolvidos no atentado, Getúlio Vargas suicidou-se com um tiro no peito. A confirmação da morte do político gaúcho provocou um grande quebra-quebra em vários jornais do Rio e Carlos Lacerda foi obrigado a permanecer escondido por quatro dias.

Em setembro de 54, um mês após a morte de Vargas, o jornalista pediu o adiamento das eleições marcadas para o dia 3 de outubro. Carlos Lacerda temia que a comoção nacional levasse o partido do presidente (PTB) a dominar o cenário nacional. Mesmo sem alcançar sucesso em sua empreitada, Lacerda foi o deputado federal mais votado em seu partido. No dia 5 de dezembro de 60, acontece o auge de sua carreira política: o jornalista foi empossado como primeiro governador da Guanabara e inicia uma ampla reforma administrativa no Estado.

Carlos Lacerda foi o grande coordenador da oposição à campanha de Getúlio à presidência em 1950, e durante todo o mandato constitucional do presidente, até agosto de 1954. Uniu-se a militares golpistas e aos partidos oposicionistas (principalmente a UDN) num esforço conjunto para derrubar o presidente Vargas, através de acusações que publicava em seu jornal, a *Tribuna da Imprensa*. Carlos Lacerda era a principal liderança da UDN carioca.

O apelido de “Corvo” surgiu em 25 de maio de 1954, em charge feita pelo cartunista LAN para o jornal *Última Hora*. O jornalista Nestor Moreira faleceu em decorrência de uma surra aplicada por um policial encarregado da segurança de Carlos e sua família desde 1948, apelidado “Coice de Mula”. Nestor sofreu a agressão em represália a um artigo publicado no jornal *A Noite*, onde enfatizava a incompetência policial. Carlos compareceu ao velório vestido de preto e foi ofendido por seu ex-chefe Samuel Wainer: acusado de ser hipócrita (de nunca ter conhecido Nestor Moreira) e de ser um corvo que vem espreitar o cadáver para sua promoção própria (Dulles, 1992, 169-171).

Lacerda foi vítima de atentado a bala na porta do prédio onde residia, em 5 de agosto de 1954, quando voltava de uma palestra no Colégio São José, no bairro da Tijuca. No atentado morreu o major da Aeronáutica Rubens Vaz, membro de um grupo de jovens oficiais que se dispuseram a acompanhá-lo e protegê-lo das ameaças que vinha sofrendo. Atingido de raspão em um dos pés, Lacerda foi socorrido e medicado em um hospital. Lá mesmo acusou os homens do Palácio do Catete como mandantes do crime. O atentado contra sua vida que vitimou o major Rubens Vaz é uma evidência da facilidade de Carlos em conseguir inimigos, por causa de suas violentas críticas (Dulles, 1992, 176-179).

A pressão midiática e a comoção pública com a morte do major Rubens Vaz obrigaram o governo a instaurar um Inquérito Policial Militar (IPM) para investigar o atentado. Rapidamente, os militares ligados a Lacerda fizeram do inquérito o palco perfeito para fomentar ainda mais a crise. Uma série de investigações levou à prisão dos autores do crime, que confessaram o envolvimento do chefe da guarda pessoal de Vargas, Gregório Fortunato e do irmão do presidente, Benjamim Vargas.

Com a conclusão do IPM (chamado na imprensa de "República do Galeão"), instaurado pelo Brigadeiro Nero Moura, Ministro da Aeronáutica, o presidente do Inquérito, indicado pelo Ministro, Coronel João Adil de Oliveira, informou, em audiência com o presidente Vargas, que havia a existência de indícios sólidos sobre a participação de membros da Guarda no atentado.

Dezenove dias depois, com o agravamento da crise política e o ultimato das Forças Armadas pela sua renúncia, Getúlio Vargas suicidou-se em 24 de agosto. O suicídio reverteu a opinião pública e provocou uma imensa onda de comoção e revolta. Isso obrigou Lacerda e parte de seu grupo a deixar o país. À época, milhares de revoltosos tomaram as ruas, empastelando jornais ligados à oposição.

Lacerda participou ainda de nova tentativa de golpe de estado, em 1955, quando se uniu aos militares e à direita udenista para impedir a eleição e a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek e de seu vice-presidente, João Goulart.

As manobras golpistas começaram já no período eleitoral, quando ocorreu o episódio da Carta Brandi, uma notícia falsa, plantada pelos opositores no jornal de Lacerda, envolvendo João Goulart num pretenso contrabando de armas da Argentina para o Brasil.

Depois de eleito Juscelino, Carlos Luz, presidente interino à época, aliado aos militares e a Carlos Lacerda, tramaram um novo golpe. A bordo do Cruzador Tamandaré fizeram a resistência, mas foram alvejados a tiros pela artilharia do exército a mando do General Teixeira Lott, que tinha pretensões de se candidatar a presidência. Foi o último tiro de guerra disparado na Baía da Guanabara no Rio de Janeiro. Durante anos o episódio ficou conhecido como o golpe de Lott, principalmente pela ação da mídia conservadora.

Vencido na tentativa de golpe, Lacerda partiu para um exílio breve em Cuba, que ainda era uma ditadura conservadora, nas mãos do general Fulgêncio Batista, antes da revolução cubana.

Voltou em seguida para reassumir sua cadeira de deputado, e continuar a oposição a Juscelino Kubitschek (21º Presidente da República, entre 31/01/1956 e 31/01/1961), atacando, entre outras coisas, a construção de Brasília. Juscelino não permitiu jamais o acesso de Carlos Lacerda à Televisão. Juscelino confessou a Lacerda, no encontro de Lisboa, em 1966, que se deixasse Lacerda falar na televisão, Lacerda o teria derrubado do governo.

Com a transferência da capital para Brasília, candidatou-se ao governo do recém-criado Estado da Guanabara. Apesar do grande favoritismo inicial, Lacerda foi eleito por pequena margem, tendo sido ajudado pela divisão de votos populares que ocorreu com a candidatura de Tenório Cavalcanti ao mesmo cargo (Mendonça, 2002). Começou nessa época sua rivalidade com Leonel Brizola, político gaúcho. Lacerda pretendia usar seu governo na Guanabara para chegar à Presidência da República e Brizola poderia ser um obstáculo.

Foi um dos líderes civis do golpe militar de 1964, que se voltou contra ele em 1966, com a prorrogação do mandato do presidente Castelo Branco. Segundo Lacerda, a prorrogação do mandato de Castelo Branco levaria à consolidação do governo revolucionário numa ditadura militar permanente no Brasil, o que realmente aconteceu. Confiava no sucesso do governo que tinha realizado no estado da Guanabara para enfrentar o candidato de oposição Juscelino Kubitschek.

Após o golpe militar de 64, Carlos Lacerda viajou para a Europa e para os Estados Unidos para defender os ideais do novo regime, mas o seu apoio do governo do presidente Castelo Branco durou pouco. Em um artigo publicado na revista *Manchete*, o jornalista informou que estava interessado em disputar a Presidência da República. “Entendo que a Revolução ou não tem programa, ou tem o meu programa, que não é só meu, porque é nosso, do povo”, escreveu. No entanto, a suspensão das eleições diretas para a escolha do presidente da República colocou um ponto final nas pretensões de Carlos Lacerda.

Em 1965, fundou a editora Nova Fronteira, que publicou importantes autores nacionais e estrangeiros, inclusive o dicionário Aurélio (de 1975 até 2004).

Lacerda apoiou o golpe civil-militar de 1964, adotando o jargão dos militares e chamando o evento de “Revolução”. Em 18 de maio de 1965, ele falou sobre a política econômica do governo de Castelo Branco no rádio e televisão. A resposta do Ministro de Planejamento foi, em rede nacional, acusar Lacerda de destruidor de governos e de ignorante, rebatendo suas análises econômicas e acusando-o de erros administrativos como governador da Guanabara (Lacerda, 1965, pg. 69-94).

Segundo Lacerda:

“Todos os recursos de propaganda, todos os ardis da intriga têm sido postos em movimento para atingir este objetivo: intrigar-me com o Presidente da República e expulsar-me da Revolução” (Lacerda, 1965, p.12).

“O que se queria era impor uma determinada e obstinada política econômica. A alternativa ofende, precisamente porque cria para o responsável imediato a desagradável situação de ter de dar uma explicação para uma política que não tem explicação.

(...)

A ideia de me atribuir o crime de ter contribuído para a queda e suicídio de Getúlio Vargas é a habitual covardia de muitos que, não podendo acusar as Forças Armadas desse suposto crime, atribuem-no a mim, transformando-me em vítima expiatória de longas omissões e súbitas conversões.

A ideia de me atribuir a renúncia do Sr. Jânio Quadros e outras faz-me — pela primeira vez nos últimos anos — ficar pasmo. Como pode, quem tem essas opiniões, ser praticamente o orientador do Governo da Revolução no setor principal, que é o do planejamento.

Quanto à oposição que liderei contra o Governo Kubitschek, se foi odiosa e sistemática, porque cassou Vossa Excelência os direitos políticos desse benemérito presidente, cujo único erro foi afastar do BNDE o grande ministro da revolução em que está metamorfoseado o Sr. Roberto Campos?

O Ministro do Planejamento procurou ironizar o que honestamente chamei de uma política de oportunismo econômico. Para me ofender, e ver se me irrita, atribuiu-me a prática de oportunismos políticos. A estupidez, já não me irrita. Mas, a mentira, sim. De todos os ataques, só esse é inédito”. (Lacerda, 1965, pg. 71-73).

Escreveu numerosos livros, entre eles *O Caminho da Liberdade* (1957), *O Poder das Ideias* (1963), *Brasil Entre a Verdade e a Mentira* (1965), *Paixão e Ciúme* (1966), *Crítica e Autocrítica* (1966), *A Casa do Meu Avô: Pensamentos, Palavras e Obras* (1977).

Em novembro de 1966, lançou a Frente Ampla, movimento de resistência ao golpe militar de 1964, que seria liderada por ele com seus antigos opositores João Goulart e Juscelino Kubitschek.

Com a instituição do Ato Institucional número 5 (AI-5), em 13 de dezembro de 68, o jornalista foi preso e teve os seus direitos políticos cassados por dez anos. Em seguida, voltou a trabalhar por pouco tempo como jornalista, antes de dedicar-se às atividades editoriais na Nova Fronteira e na Nova Aguillar, empresas de sua propriedade.

Morreu na madrugada 21 de maio de 1977, aos 63 anos, em uma clínica particular após ter contraído uma gripe comum. A causa oficial da morte foi infarto. Coincidência ou não, João Goulart e Juscelino Kubitschek, os outros dois signatários da Frente Ampla, também tiveram mortes misteriosas e suspeitas no mesmo período.

Em 20 de maio de 1987, através do decreto federal nº 94.353, teve reestabelecidas, *post mortem*, as condecorações nacionais que foram retiradas e reincluído nas ordens do mérito das quais fora excluído em 1968.

Trabalhou como tradutor e deixou uma obra que ajuda a compreender a sua participação na história política do Brasil: “O Caminho da Liberdade” (1957), “O Poder das Ideias” (1963), “Brasil entre a Verdade e a Mentira” (1965), “Paixão e Ciúme” (1966), “Crítica e Autocrítica” (1966), “A Casa do meu avô; Pensamento, Palavras e Obras” (1977), “Depoimento” (1978) e

“Discursos Parlamentares” (1982), estes dois últimos editados e publicados após a sua morte.

O primeiro governador da Guanabara

Para este capítulo, foram usadas as seguintes fontes:

Os trabalhos de Marly Silva da Motta constantes na bibliografia.

Lacerda queria ser presidente da República, sendo que o governo da Guanabara seria seu trampolim para alcançar esse objetivo. Segundo Motta (2000), a tutela/dependência federal, a bancada estadual e a administração municipal contribuíram para uma identidade política ambígua para o Rio de Janeiro (vontade política de influenciar os rumos do país que conflitua com os interesses locais e desejo de independência em conflito com as intervenções com o Distrito Federal). Motta identificou três características do Rio de Janeiro enquanto capital: personalização (a popularidade dos políticos conta), polarização (interesses resultam em extremos que conflituam e dialogam) e nacionalização (o Rio de Janeiro influencia o Brasil).

Entre as razões da mudança do Distrito Federal do Rio de Janeiro para Brasília podemos citar a falta de consenso e de entendimento político entre os grupos políticos cariocas. A transferência gerou desordem, esvaziamento político, cultural e econômico. Os planos de Juscelino Kubistchek de deixar um legado (com a justificativa de modernizar o Brasil) afastou as elites e as classes baixas urbanas das principais decisões políticas.

Numa acirrada eleição para governador do novo estado, Lacerda (do partido UDN) enfrentou Sérgio Magalhães (da

coligação PTB-PSB) e Tenório Cavalcanti (PST). Lacerda venceu Magalhães por uma pequena diferença de votos. Prometeu fazer a transformação da ex-capital para o novo estado mantendo o status político do Rio de Janeiro perante a nação. Lacerda apostou no voto das mulheres (que não eram obrigadas a votar). Sua imagem viril e vibrante, associada à sua retórica apaixonada, conquistou as mulheres das classes média e alta. Ele associou sua identidade a identidade da Guanabara. Juscelino criou a Novacap. Lacerda promoveu a Belacap, o Estado que não perdeu a tradição de capital, a importância. Isso levou a uma ambiguidade: Lacerda se elegeu prometendo criar um novo Estado, mas insistia em manter vivo um passado idealizado. Essa mudança de discurso perto das eleições de 1965 o fizeram perder apoio político.

O “Estado Bossa-Nova” foi marcado por dificuldades do governador em negociar com o Poder Legislativo municipal, que dificultava a aprovação de seus projetos. Relação tempestuosa com a Assembleia Constituinte, que substituiu a Câmara dos Vereadores eleita em 1958.

Quando, em 1960, se elegeu governador da Guanabara, os esquerdistas em geral o odiavam. Tumultos durante algumas aparições públicas do “Corvo” (nessa época o apelido pegou) foram usadas por ele como incentivo para se declarar cruzado anticomunista. Seus seguidores mobilizaram a direita conservadora para fazê-lo parecer vítima. A revista *Maquis*, que pertencia a Amaral Netto, publicava manchetes como: “Lacerda venceu o comunismo internacional” (Motta, 2002, p.85).

Seu estilo agressivo e sua língua impiedosa o tornaram alvo da oposição das esquerdas, fato aproveitado por ele para justificar as dificuldades na administração. Pôr em dúvida a

honestidade de Lacerda significava ser acusado de golpista e de comunista.

Segundo Motta (2002), a Igreja Católica, os integralistas, alguns jornalistas e políticos alimentaram uma paranoia anticomunista que durou de 1917-1964 (sendo que essa perseguição ideológica legitimou o golpe do Estado Novo de 1937 e o Golpe Civil-Militar de 1964). Carlos Lacerda foi um dos políticos que se aproveitou muito bem do medo de setores conservadores da sociedade para usar os comunistas como bodes expiatórios.

Tal com seu afilhado político, Fidélis Amaral Netto, Carlos soube usar a imprensa para propaganda anticomunista, obtendo aumento de popularidade e de seguidores. Desde o início de sua carreira como deputado federal, Lacerda alertava um golpe iminente dos comunistas, com a aprovação de Moscou. Acusou de simpatizantes da URSS pessoas nomeadas para altos cargos nas Forças Armadas. Acusou Juscelino Kubitschek de facilitar a infiltração comunista e era contra qualquer relação comercial entre o Brasil e a URSS.

As divergências entre o governador e o presidente Jânio Quadros, que ajudou a eleger (eram do mesmo partido, mas Jânio se aproximou da Cuba pós-Revolução e perdeu apoio de anticomunistas como Lacerda) tornam-se explícitas. Em 1961, fez um discurso atacando, pela televisão, o Presidente Jânio Quadros (o primeiro presidente empossado em Brasília, em 31 de janeiro de 1961), antigo aliado. A renúncia de Jânio ocorreu em seguida, a 25 de agosto. Em outubro, o jornalista vendeu a Tribuna da Imprensa para Manuel Francisco do Nascimento Brito, alegando dificuldades financeiras.

Nos anos de 1961 e 1962, investiu na montagem da máquina administrativa (criação de novas secretarias e supe-

rintendências especiais, criação de regiões para o lugar dos municípios, etc.). Começou a executar as metas do governo. Nas eleições de 1962, começaram seus atritos com outro político carismático, Leonel de Moura Brizola, ex-governador do Rio Grande do Sul, candidato a deputado federal.

O seu governo do antigo estado da Guanabara destacou-se pela construção de grandes obras que mostraram suas habilidades de administrador e consolidaram a simpatia da classe-média. Seu secretário de obras foi o eminente engenheiro civil e sanitarista Enaldo Cravo Peixoto. Construiu a estação de tratamento de água do Guandu (até hoje a maior do país) e um sistema de distribuição que resolveram um centenário problema de abastecimento (a falta de água era crônica e inspirava marchinhas de carnaval como “Rio de Janeiro, / cidade que nos seduz, / de dia falta água, / de noite falta luz” — Sucesso de Vitor Simon e Fernando Martins, do Carnaval de 1954). Construiu túneis importantes para o trânsito de veículos, como o Santa Bárbara e o Rebouças, ligando a Zona Norte à Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro. Terminou a construção e reurbanização do Aterro do Flamengo. Removeu favelas de bairros da Zona Sul e Maracanã, criando o parque da Catacumba, o campus da UEG (atual UERJ), e instalando seus antigos habitantes em conjuntos habitacionais afastados como Cidade de Deus e Vila Kennedy. Construiu inúmeras escolas, acabando com o déficit de vagas no ensino fundamental nos anos 1960.

Manteve um alto padrão de qualidade dos hospitais públicos. Durante seu governo, foi divulgado que policiais assassinavam os mendigos que perambulavam pela cidade e jogavam seus corpos ao rio da Guarda, afluente do rio Guandu. O governo de Carlos Lacerda foi acusado pela imprensa de oposição de ter dado instruções aos policiais para que reali-

zassem estes assassinatos. Lacerda demitiu o Secretário de Segurança e o envolvimento dos escalões superiores do governo nestes fatos nunca foi provado.

Lacerda queria extrair o máximo de polêmica para vencer as eleições presidenciais de 1965. Seu principal rival político era o governador de São Paulo, Ademar de Barros, outro que se dizia paladino anticomunista. A onda que ambos ajudaram a criar acabou com seus sonhos, pois o golpe de 1964 também usou o “temor vermelho” para obter o apoio das elites e cancelou a eleição que Lacerda e Barros tanto queriam vencer (Motta, 2002, p. 86).

Lacerda não conseguiu eleger o sucessor Flexa Ribeiro, que possuía pouco apelo popular e não era carismático. A vitória de Francisco Negrão de Lima (PSD/PTB) levou ao enfraquecimento do lacerdismo e à renúncia de Lacerda um mês antes da posse de Lima. Como a Guanabara não manteve a tradição de cidade-capital e com o isolamento político de Lacerda, a partir de 1965, começou o processo de fusão da Guanabara com o Rio de Janeiro.

As notícias sobre a morte de Lacerda e como foi construída a sua memória

Em 13/11/2013, em São Borja (RS), foram exumados os restos mortais de João Goulart, o único ex-presidente brasileiro que morreu no exílio. O procedimento faz parte dos trabalhos de investigação da Comissão Nacional da Verdade (CNV), instalada em março de 2012 e que deve concluir suas atividades em 2014. Em suma, isso reacende uma polêmica, trazendo Lacerda de volta aos noticiários 36 anos após sua morte. O Brasil foi o único país latino-americano que não condenou nenhum de seus torturadores. Na Argentina, as Mães da Praça de Maio protestam e cobram punições aos culpados há décadas. Dos cerca de 500 militares e colaboradores da ditadura chilena que foram processados, 70 cumprem pena.

Suspeita-se que Jango tenha sido envenenado em uma ação da operação Condor, uma espécie de aliança entre as ditaduras sul-americanas nos anos 1970 (Argentina, Chile, Paraguai e Brasil). As proximidades das datas das mortes dos três aliados da Frente Ampla, Jango (1976), Lacerda (1977) e Juscelino Kubitschek (1976) sempre despertou suspeitas. A Frente Ampla (1966) foi uma iniciativa de Lacerda para combater a mesma Ditadura Civil-Militar que apoiou em 1964, mas que frustrou seu sonho de disputar a Presidência da República em 1965. As pessoas morrem, é natural, mas certas mortes são muito convenientes. Em outubro de 1966, os militares “linha-dura” ameaçaram retirar o apoio a Lacerda caso ele prosseguisse

em lançar a Frente Ampla com os indesejados pela Revolução. Assim mesmo, em 28/10/1966, a Tribuna da Imprensa lança um manifesto escrito por Lacerda e dirigido a todo o povo brasileiro: A Frente Ampla propunha eleições livres e diretas, a reforma partidária e institucional, a retomada do desenvolvimento econômico e a adoção de uma política externa soberana. Buscando apoio do MDB, do PCB, dos operários e estudantes, Lacerda viu a Frente Ampla ser tornada ilegal pela Portaria nº 177, de 05/04/1968.

Preso logo após a edição do AI-5 (14/12/1968) foi solto após uma semana em greve de fome. Daí o regime militar optou por cassar seus direitos políticos.

Em 21/05/1977(sábado) os principais jornais do país noticiavam sua morte por infarto. O jornalista Wilson Figueiredo, do Jornal do Brasil, afirmou que “morreu um dos mais polêmicos políticos brasileiros” (22/05/1977).

Na década de 1990, Conde e César Maia usaram a imagem de Lacerda como bom administrador para se colocarem como sucessores dele. Brizola se encontrava enfraquecido politicamente (seu governo foi considerado fracassado no combate à violência e a desordem urbana). César Maia se elegeu prefeito em 1992 usando a imagem de Lacerda como construtor e administrador competente. A revista Veja Rio de 1995 (“Os 30 anos da Guanabara”) exalta as conquistas de Lacerda: estrutura técnica, escolas, hospitais, adutoras, viadutos e túneis. Conde se elege prefeito em 1996 usando Lacerda como modelo. Essa estratégia deu tão certo que em 2000, Maia e Conde derrotam Brizola de novo. O cargo de prefeito é associado ao papel de síndico, contrariando a visão tradicional defendida por Brizola de que o Rio de Janeiro é o farol do país. Segundo Motta (2004), Brizola e Lacerda foram duas lideranças carismáticas relacio-

nadas com a cultura política do Rio de Janeiro, cidade que foi capital do Brasil por mais de um século. Essa cultura política valorizava a personalização e a polarização das estruturas políticas, onde vários grupos com interesses diferentes (uns locais outros nacionais) competiam e negociavam. Lacerda era um tribuno que gostava do confronto, mas não hesitava em trair aliados quando seus interesses estavam em jogo (“Demolidor de Presidentes”). Brizola era um orador inflamado e um nacionalista. Em 1990, os rumos da política eram outros.

No ano 2000, a jornalista Maria Cecília de Azevedo Sodré (então com 46 anos) chocou o país com a revelação de que era amante de Lacerda durante os dois últimos anos de vida dele, com a diferença de 40 anos de idade entre os dois. Em entrevista concedida à revista IstoÉ, Sodré afirma categoricamente que Lacerda foi assassinado, que estava bem de saúde antes de sofrer uma desidratação em decorrência de uma gripe e se internar na Clínica São Vicente em 20/05/1977. No atestado de óbito, uma infecção no coração, provocada por bactéria, o teria vitimado no dia seguinte, aos 63 anos.

A também jornalista Cristina Lacerda, filha do ex-governador, com 48 anos em 2000, contrariou a maioria da família e também afirmou que o pai era um homem saudável e que fora vítima da Operação Condor, que supostamente teria matado Juscelino e Jango. Os três pretendiam voltar à cena política.

Em 2003, o jornalista e escritor Carlos Heitor Cony e Anna Lee lançam o livro “O beijo da Morte”, sobre as mortes de JK, Lacerda e Jango. Os autores não concluem nada, mas levantam várias hipóteses sobre o desaparecimento dos maiores representantes do centro, da direita e da esquerda política do país nos anos 1960. Até hoje o livro não foi contestado e ganhou o prêmio Jabuti de Reportagem no ano de lançamento.

Conclusões

Polêmicas a parte, a memória construída sobre Lacerda após sua morte foi multifacetada. Vítima da Ditadura, responsável pelo suicídio de Vargas, hábil administrador, Corvo, golpista, tudo isso e muito mais é lembrado quando seu nome é mencionado.

Com a política no sangue (seu pai, Maurício Paiva de Lacerda, foi deputado federal; seu avô por parte de pai, Sebastião Eurico Gonçalves de Lacerda, foi Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas no governo do presidente Prudente de Moraes), Carlos ficou marcado por suas participações na política nacional. Diante de todas as fontes apresentadas, afirmamos que ele era um golpista, que ignorava a vontade popular expressa nas urnas quando isso contrariava seus interesses. Contudo, ele alegava que era necessário para manter a democracia. Essa postura foi fruto de sua experiência comunista. Ele não era um revolucionário, mas sim um agitador, que usava sua excelente retórica para conseguir apoio político.

Sua atuação como governador foi positiva, apesar de erros como a falta de investimento na Zona Oeste e tímida remoção de comunidades carentes, desenvolvendo o Rio de Janeiro através da Guanabara. O Rio de Janeiro dos anos 1960 era um abacaxi administrativo, superpopuloso e sem infraestrutura de abastecimento de luz e água. Projetos urbanísticos financiados por ele foram aproveitados na construção das Linhas Amarela e Vermelha, nos anos 1990.

Carlos Frederico Werneck de Lacerda era egocêntrico (o que desagradava a ele era considerado ruim para o país), agressivo e autoritário. Seus ataques aos adversários eram duros e implacáveis. Nenhum dono de jornal lhe deu ampla liberdade de expressão sem se arrepender de sua crua sinceridade. Era mesmo um político de contrastes.

Sua personalidade polêmica o levou a se desentender com o governo do general Castelo Branco por críticas à política econômica, quando a atitude mais vantajosa seria ficar quieto e buscar o apoio dos militares.

A seu respeito, disse Gasparini:

“O traço fundamental de seu pensamento é uma visão liberal em economia e autocrática em política, tendo como referência fundante o paradigma do *american way of life*. É nesse sentido que se dá a tomada de posição pró-ocidental no contexto da Guerra Fria, sua oposição visceral ao nacionalismo, trabalhismo e comunismo. Intentamos também articular esta ideologia conservadora com as determinações essenciais da via colonial de objetivação capitalista, que se estruturam numa economia subordinada e induzida, na incompletude de classe do capital atrofico e que, por sua vez, gera uma forma autocrática de dominação dos proprietários em nosso país. Consideramos Carlos Lacerda como um ‘intelectual orgânico’ da burguesia brasileira, que recorre a um Estado forte, que considera, de modo contraditório, democracia, mas que no fundo refigura uma modernização excludente. O ideário lacerdiano, na trama determinativa da via colonial, é permeado por esta raiz golpista que sucessivamente apela para a realização de uma ‘democracia’ afastando-se das formas políticas que ela configura sob o mesmo denominador, o comunismo e o fascismo, entendidos como totalitarismo. Em sua visão conservadora do mundo, a

proposição de uma ditadura limitada, como ‘regime de exceção’, é uma necessidade histórica para barrar tanto um ‘getulismo de massas’ quanto a penetração do ‘perigo vermelho’ ”(Gasparini, 2003).

REFERÊNCIAS:

CONY. Carlos Heitor & LEE, Ana. O beijo da Morte. Ed. Objetiva, São Paulo, 2003.

DELGADO, Márcio de Paiva. O Jornalista e o Político Carlos Lacerda nas Crises Institucionais de 1950-1955. In: Anais do I colóquio do Laboratório de História Econômica e Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais, 13 a 16 de junho de 2005.

DULLES, John Walter Foster. Carlos Lacerda: a vida de um lutador. Tradução Vanda Mena Barreto de Andrade. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 2 vols. Contém um CD [Primeira edição brasileira: 1992].

GASPARINI, Carlos Alberto. A ideologia conservadora de Carlos Lacerda: um corvo na história política brasileira (1954-1968). Biblioteca digital da PUC SP, 2003. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6800. Acesso em: 08 agosto 2013.

LACERDA, Carlos. Em vez. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

LACERDA, Carlos. Brasil: Entre a verdade e a mentira. Rio de Janeiro, Bloch editores, 1965.

MENDONÇA, Marina Gusmão de. O demolidor de presidentes: a trajetória política de Carlos Lacerda, 1930-1968. São Paulo: Códex, 2002.

MENDONÇA, Marina Gusmão de. “Imprensa e política no Brasil: Carlos Lacerda e a tentativa de destruição do Última Hora” In.: Histórica: Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, no. 31, 2008.

MOTTA. Marly Silva da. A política carioca em quatro tempos / Marly Motta, Américo Freire, Carlos Eduardo Sarmento. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 256 p.

MOTTA. Marly Silva da. Saudades da Guanabara. Editora FGV, 2000. 162 p.

MOTTA. Marly Silva da. Rio de Janeiro: de cidade-capital a Estado da Guanabara / Marly Motta – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.304 p. – Estudos do Rio de Janeiro.

MOTTA. Marly Silva da. A estratégia da ameaça: as relações entre o governo federal e a Guanabara durante o governo Lacerda (1960-1965). Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, 1997 b (Texto CPDOC, 25).

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A “indústria” do anticomunismo. Revista Anos 90, Porto Alegre, nº15, 2001/2002, p. 71-92.

PEREZ, Maurício Dominguez. Lacerda na Guanabara. Rio de Janeiro, 2007, 320 pg.

SOARES, Lucila. O homem da Guanabara. São Paulo, revista Veja, 02 de maio de 2007. pg. 128-130.

TEIXEIRA, Milton (2006). Fazendas de Café (monografia) (PDF). Sindicato Estadual dos Guias de Turismo do Rio de Janeiro p. 2. Sindegtur.org.br. Página visitada em 04 de agosto de 2013.

<http://dic_bio_bibliografico_lacerda.html>. Acesso em: 07 agosto 2013.

<<http://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>>. Verbetes pesquisados: “Carlos Lacerda”, “UDN” e “Tribuna da Imprensa” Acesso em: 4 set.13.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Rio de Janeiro: Uma Cidade na História.

Disponível em:

<<http://www.editora.fgv.br/?sub=produto&id=776>>. Acesso em:

4 set. 2013

<www.fundamar.com/projetos_desc.aspx?id=4>. Acesso em: 4

set. 2013.

<www.istoe.com.br/reportagens/37854_MATARAM+LACERDA>. Acesso em: 20 nov. 2013

<http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_581.html>. Acesso em: 6 agosto 2013).

Sobre a vida e a morte de Lacerda: Disponível em
<<http://www.ponteiro.com.br/mostrad0.php?w=8470>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

O AUTOR E SUA OBRA

Sidney Ferreira

Nascido em 1973 no Rio de Janeiro, é agente de saúde. Graduado em História pela UNIRIO. Suas influências em literatura são autores ingleses como Alan Moore, Neil Gaiman e Grant Morrison. Influências estadunidenses: Frank Miller, Stephen King e Chuck Palaniuk.

Livros publicados:

- As Crônicas de Ravok (2013)
- Beholder (2013)

BEHOLDER